

Editorial

VÍTIMAS E
INOCENTES

Há poucos dias, um avião russo explodiu sobre o Egito, matando mais de 200 pessoas. O acontecimento teve menos repercussão do que a chacina de Paris, cuja autoria foi também reivindicada pelo Estado Islâmico e que matou 129 pessoas e feriu outras 300.

Paris é uma cidade-símbolo, feita na medida para os propósitos desse grupo terrorista, que tem na propaganda, talvez, o seu principal trunfo. Os outros são o domínio sobre um vasto território e os recursos financeiros obtidos no mercado negro do petróleo.

O grupo terrorista já tinha experimentado sua capacidade de produzir uma grande repercussão com o ataque ao “Charlie Hebdo”, no início do ano. Com poucos homens, eles são capazes de produzir um enorme estrago, que é potencializado pela mídia.

Nesse sentido, a mídia está prestando, na verdade, um serviço ao terror. É possível imaginar o efeito que tamanha repercussão produz na mente de um jovem jihadista que almeja se imolar pela causa do Estado Islâmico e ainda ganhar o paraíso de Alá.

O grupo terrorista prospera ao combinar duas situações: o ressentimento dos jovens marginalizados, sobretudo nos países coloniais, e o vácuo de poder provocado pela derrubada de governos autocráticos no Iraque, na Líbia, no Egito e, em curso, na Síria.

A responsabilidade por essa trapalhada generalizada é, sobretudo, dos norte-americanos, a quem a França do socialista François Holland se aliou. Como ocorreu no Iraque e na Líbia, os Estados Unidos se empenham agora em derrubar Bashar al-Assad.

O resultado tem sido desastroso. Em vez de democracia, estabeleceu-se o caos. Mais realistas, os russos apoiam Assad, certos de que é melhor um ditador do que nenhum governo. Com seus mortos e refugiados, a Síria é o retrato do malogro da Primavera Árabe.

O Estado Islâmico não terá fim enquanto as nações não se colocarem de acordo.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

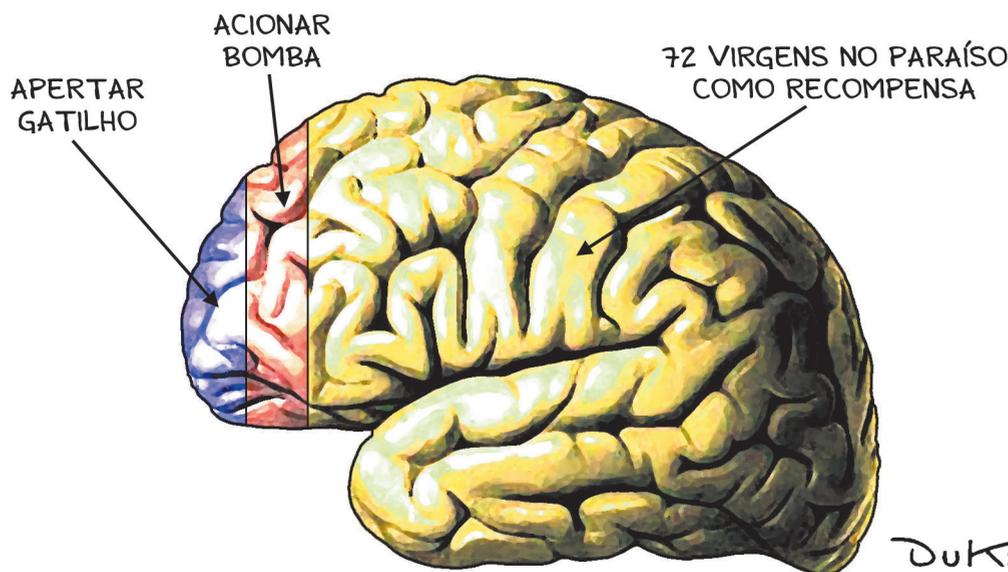
EDITORES

Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Política: Ricardo Corrêa
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

CÉREBRO DE UM TERRORISTA

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Os crimes socioambientais
e a pedagogia da catástrofe

Crimes das mineradoras não sensibilizam os governos

Desde a década de 70 está em gestação o esboço de um pacto em torno da defesa do planeta Terra, tido como um patrimônio comum da humanidade. Ao menos, esse é o discurso consensual corrente, embora não haja uma compreensão coesa do que seja realmente a “defesa da natureza”. Todavia, a marca pública dos debates ecológicos é a denúncia da degradação que o ser humano impôs à água, ao ar e à terra. O sentimento mais presente nos discursos ecológicos é o medo. Não sem razão.

Os exemplos são terríveis: as catástrofes das indústrias químicas, como em Seveso, o gás mortífero da fábrica Icmesa, na Itália, em 1976; o gás tóxico de Bhopal, na Índia, em 1984; a poluição do rio Reno pelo incêndio da fábrica da Sandoz na Basileia, na Suíça, em 1986; a doença de Minamata, no Japão, por intoxicação de mercúrio da fábrica Chisso, que lançava dejetos desde 1930 na baía de Minamata – o primeiro caso humano diagnosticado ocorreu em 1956, mas morreram cerca de 2.000 pessoas, e as sequeladas são incontáveis!

Não ficam atrás os casos das indústrias petrolíferas: marés pretas da Bretanha, do Alasca, do Rio de Janeiro (2000), na Espanha (2002), no golfo do México (2010) etc. O incêndio por vazamento de gasolina na Vila Socó, em Cubatão, em São Paulo (1984), que oficialmente resultou em 93 mortes, mas há estimativas de que foram mais de 500.

As catástrofes das fábricas e os artefatos nucleares são de grande vulto: a bomba atômica de Hiroshima e Nagasaki, em 1945, no Japão; Three Miles Island, em 1979, nos Estados Unidos; Chernobyl, em 1986, na Ucrânia, ex-URSS; o césio de Goiânia, em 1987; e Fukushima, em 2011, no Japão. Como se isso não bastasse, há o justo temor de catástrofes biológicas, via armas biológicas “bioengenheiradas”.

Mas eis que em 5 de novembro passado, por volta das 16h, o povoado de Bento Rodrigues, em Mariana, foi soterrado pela não inócua lama tóxica – rejeitos de mineração – após o rompimento das barragens do Fundão e Santarém, da mineradora Samarco, de propriedade da anglo-australiana BHP Billiton e da Vale, ex-Vale do

Rio Doce... O povoado de Barreto, em Barra Longa, também foi soterrado, sem mortes humanas, mas perdeu escolas, pontes, estradas e casas. Bento Rodrigues contava mais de 200 anos, mas agora acabou! Sete mortes foram confirmadas, 12 pessoas estão desaparecidas e os impactos socioambientais são incalculáveis.

Rompimento de barragens de mineradoras em Minas Gerais não é novidade: em Nova Lima, cinco operários morreram (2001); Cataguases (2003); Rio Pombo (2007); e Itabirito (2014), na qual três operários morreram e cinco ficaram feridos. Porém, os governos de Minas e os brasileiros foram incapazes de beber na “pe-

dagogia da catástrofe” – constatação do ecologista suíço René Longet, que diz que Seveso “mudou a visão da opinião pública a respeito da indústria química, passando a considerá-la potencialmente perigosa”.

A pedagogia dos crimes das mineradoras aqui não sensibiliza governos nem parlamentares, de todas as esferas. O caso Mariana é um dos maiores crimes socioambientais do mundo, o maior do Brasil; além de ter ceifado vidas humanas e a de outros animais, “cimentou” o rio Doce, com impactos ambientais que a sanidade mental não alcança. Não há mais lugar para peixes e passarinhos no rio Doce!

Como disse o jornalista Alceu Luís Castilho, em “De Paris ao rio Doce: do horror político ao horror econômico” (14.11.2015): “Os atentados em Paris e o crime ambiental em Mariana não são hierarquizáveis; o problema consiste em minimizar uma das tragédias por determinadas conveniências”.

DUKE

